

QUANDO O PRÓPRIO DEUS ABOMINA SEUS PASTORES: UMA ANÁLISE DE EZEQUIEL 34,1-16.

WHEN GOD HIMSELF ABOMINATES HIS SHEPHERDS: ANALYSIS OF EZEKIEL 34,1-16.

*Antonio Carlos Frizzo**

Recebido em: 28/06/2024

Aprovado em: 15/08/2024

DOI: 10.57147/espacos.v32i01.917

Resumo

Deportado, já, na primeira leva à Babilônia, no ano de 597 a.C., por ocasião do cerco imposto ao governo do reino de Judá, Ezequiel não críticas sobre o modo da elite judaíta fazer política. Estamos nos anos de 597 a 587 a.C., período em que a província é governada por uma junta administrativa liderada por Sedecias. Sedecias frágil e manipulado pelas lideranças ao seu redor, mostra-se incapaz de evitar a catástrofe imposta pelos exércitos caldeus, no ano de 587 a.C. Sua morte é um exemplo da violência que se abateu sobre os habitantes, quando Nabucodonosor, em pessoa, comanda seu exército impondo total ruína da província. Compreender o teor das críticas ditas por Ezequiel e seu contexto histórico-social é o objetivo do artigo. Oportuno observar relativa preocupação pela ética do cuidado, ontem e hoje, como registra a introdução do artigo.

Palavras-chave: Sedecias; Ezequiel; falsos pastores; ética do saber cuidar; exílio da Babilônia.

Abstract

Deported in the first wave to Babylon, in 597 BC., due to the siege imposed to the kingdom of Judah, Ezekiel does not hold back when it comes to criticizing the way that judaite elite does politics. We are situated between the years 597 and 587 BC., period in which the province is governed by an administrative board lead by Zedekiah. Zedekiah, fragile and manipulated by the leaderships that surround him, shows himself to be incapable of avoiding the catastrophe imposed by the Chaldean armies, in the year of 587 BC. His death is an example of the violence that descended upon the population, when Nebuchadnezzar himself commands his army and causes the complete destruction of the province. Understanding the critics made by Ezekiel and the social-historic context is the aim of this paper. It is important to notice the relative concern for the ethics of care, yesterday and today, as signalized in the introduction.

Key words: Zedekiah; Ezekiel; false shepherds; ethics of care; exile from Babylon.

Introdução

O gesto de cuidar está presente em todas as dimensões de nossas vidas. Das mais insignificantes e rotineiras atitudes às significativas opções que direcionam nossas

* Doutor em Teologia Bíblica pela PUC-RIO, professor de Teologia no ITESP e assessor do Centro Bíblico Verbo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2526-493X>. E-mail: ac.frizzo@itespteologia.com.br

vidas, as vidas no mundo. Nas relações pessoais - família, trabalho, lazer, amores - o gesto de cuidar, querer bem, estar bem é algo intrínseco no ato humano. Temos uma atenção particular de cuidar dos nossos grupos de amigos. Estamos, constantemente, rodeados de pessoas. Cada qual de nós se encontra naturalmente ligado a um grupo social. Somos indivíduos, mas ao mesmo tempo um ser social e, como tal, temos que cuidar da nossa individualidade e do grupo que nos acolhe. Afinal, somos humanos e, como tal, um ser social envolvido numa complicada teia de relacionamentos que identificamos como sociedade. Sabemos, por experiências, que ninguém vive só. Somos pessoas e aprender a ser pessoa, ser grupo e ser povo torna-se um desafio.

Tal aceno à prática do cuidar não impede inúmeros gestos e projetos marcados pelo descuidar. Fala-se muito da “divisão de narrativas” que nos envolve. Não é difícil encontrar alguém que não tenha se retirado do grupo do *whatsapp* ou das redes digitais, após amargar gestos, ideias e palavras repletas de intolerâncias, racismos, aporofobias, xenofobias, alterofobia e agressões verbais. Há uma crise que perpassa nossas relações humanas. Então, o cuidar tornou-se um desafio.

No sistema capitalista neoliberal tudo vira mercadoria. Nessa linha de pensar, o ser humano e os seres vivos – animais e o meio ambiente – são vistos como algo que tem um preço. Tudo que vemos e tocamos vira mercadoria com preço e data de validade. Exemplo: nos dias em que escrevemos este texto explode o conflito bélico entre palestinos e israelenses. Na Organização das Nações Unidas (ONU) ensaiam declarações de um cessar-fogo em definitivo, abertura de um corredor humanitário que seja possível levar água, alimentação, socorro médico, amparo às crianças e feridos, mas a representação americana reitera o não. O governo do presidente Joe Biden, único capaz de interromper a insanidade de Benjamin Netanyahu, oferece uma carta branca, apoio incondicional a mais uma ação de etnocídio palestino que assistimos, como se tudo fosse um *reality show*.

As vidas de inocentes importam? Não há pessoas, não há “fidelidade nos relacionamentos e projetos humanos que não sedam ao convite insano do dinheiro”, dizem os abutres. “*A vida é grana*” cantou Cazuzza. Já, o poeta Paulinho da Viola alertou em tom mais alarmante: “*Dinheiro na mão é vendaval. Dinheiro na mão é solução e solidão...*”.

Cuidar tem, para o universo cristão, um senso de projeto de vida. Cuidar do próprio corpo, cuidar do corpo dos outros, cuidar dos pobres e dispensar um bom tempo para cuidar do planeta Terra são gestos, projetos de preservar a vida (BOFF, 1999, 83). Garantir às futuras gerações os dons doados pelo Criador (Gn 1–11). Cuidar, tal como Noé, o cultivador, logo após o dilúvio (Gn 9,20) é estar atento aos mais frágeis. O bom pastor é identificado por seu ato de zelar pelas ovelhas extraviadas, machucadas, feridas e abatidas (Ez 34,1-16; Jo 10,1-18). Eis o alerta proposto pelo Papa Francisco: cuidar das feridas da nossa gente. Cuidar daquele, daquela que tem a vida ameaçada. Há uma nova abordagem no gesto de cuidar. Esse desafio ecoou mundo a fora com o alerta exposto na Encíclica *Laudato Si'* (LS). Nela, o Papa Francisco não se limita a conclamar pela preservação do planeta terra, mas, ao mesmo tempo, de modo sincrônico, combater a pobreza no mundo e suas causas. Para o Papa existe a possibilidade de reordenar uma economia hegemônica e destrutiva do meio ambiente. Já na encíclica *Fratelli Tutti* (FT), o pontífice destaca que é urgente identificar as visões de economias fechadas e monocráticas (FT, 169), e por isso, ele vem propondo inúmeras ações para compreender e acenar para mudanças nas relações entre a economia e a política.

Estamos certos de que não basta cuidar da pessoa, do indivíduo. Estamos na era do cuidar das estruturas sociais. Nossas estruturas (econômicas e políticas) se mostram vulneráveis quando se deparam com milhares de pessoas sem Trabalho e sem Terra. As organizações financeiras olham para milhares de rostos de idosos, doentes, empobrecidos com o interesse de lucrar mais e mais. Essa realidade é fácil de compreender. A economia brasileira é pensada para 40% da população que tem poder de compra. Sim, uma economia pensada, planejada e executada para 40% dos brasileiros. E os outros 60% de brasileiros? O que comem? Como vivem? Quais seus sonhos? Onde moram? Essas perguntas precisam ser pensadas e respondidas com políticas públicas. O que dá mais lucro: investir na bolsa, no mercado financeiro ou planejar cidades, escolas, hospitais e, ao mesmo tempo, gerar empregos. O mercado segue de costas às aspirações populares. Nossa economia segue baseada em um tripé: trabalho escravo, monocultura e latifúndio. Os inúmeros latifúndios se multiplicam –

comunicação (música, arte, imprensa), soja, milho, terra e controle político (SOUZA, 2021, 248).

Visto isso, cremos ser oportuno afirmar a possibilidade de ampliar nosso ato de cuidar. Reiterar a convicção “que tudo está interligado” nesta casa comum” (LS 240). Do regar, ainda pela manhã a roseira, até o controle dos atos criminosos das queimadas na floresta amazônica. Todo gesto de amor interessa. “Todo amor é sagrado”, como entoa nosso cantor e compositor Milton Nascimento. Como já disseram nossos mestres: compreender as superestruturas, mas não deixar de agir nas infraestruturas. Perceber o global e agir no local.

Na trilha dos desafios impostos pelo ato de cuidar, buscamos analisar a perícope de Ez 34,1-16. A narrativa é uma severa crítica à classe dirigente, sediada em Jerusalém, na época do governo do rei Sedecias. Cremos que a religião segue como aparato ideológico na legitimação do poder ou do contrapoder. Nessa perspectiva, vemos na profecia de Ezequiel uma ferrenha crítica ao poder hegemônico exercido pela classe dirigente, no Reino de Judá, em meados dos anos 597 a.C a 587 a.C.

1. A tragédia da guerra e o exílio na profecia de Ezequiel.

Uma leitura atenta há de incomodar ao buscar compreender quais os motivos que levaram o narrador de 2Rs 23,4-7 a destilar tamanho ódio às diversas experiências religiosas em Jerusalém e nas províncias periféricas, nos anos em que governou Josias, na província de Judá (640-609 a.C.). Nosso narrador, na redação final do livro, expõe em detalhes a destruição sistemática dos antigos ambientes culturais. O tão desejado movimento administrativo, idealizado pela corte do rei Josias, acontece em um momento histórico muito propício aos grupos mandatários, na Jerusalém do ano de 622 a.C¹.

¹ O movimento administrativo liderado por ricos proprietários de terras e influentes sacerdotes, ao redor do templo de Jerusalém e na corte do rei Josias, marcará o interesse de retomar antigos territórios, férteis regiões na produção do vinho, azeite e trigo instaladas no próspero reino de Israel. A tomada e destruição definitiva do reino do Norte, acontece nos anos em que reinou Sargon II (722-705) e, a partir desse momento Samaria começa a “participar do extensivo programa de transferências populacionais em massa (bidirecionais) nas áreas sob a administração assíria direta”. (TOSELLI, 2023, 50). A anexação da capital Samaria ao Império Assírio transformou a região em um corredor geográfico importantíssimo aos planos de dominação assírios. Samaria nunca se tornou um espaço vago, insignificante, inabitada como defendem algumas antigas análises sobre o desastre de 722 a.C.

Aproveitando de um espaço de tempo, em que os mandatários assírios se ocuparam em solucionar revoltas internas, no vasto império, sobretudo após a morte de Assurbanipal, ocorrida em meados do ano 629 a.C., época em que os diretos herdeiros ao trono: Assuretiliani (630-623 a.C.) e Sinsariscun (627-612 a.C.) optam por disputar a realeza em sangrentas batalhas, a corte josiânica opta por retomar antigos territórios perdidos nas ocupações de 722 a.C., centralizar administração pública, econômica e religiosa na cidade de Jerusalém (KAEFER; DIETRICH, 2002, 151).

Com base na solene promulgação do livro do Deuteronômio (12-26), na época compreendido como “Livro da Lei” e “encontrado no Templo de Javé” (2Rs 22,8), o movimento administrativo consistiu, aos olhos dos grupos dirigentes e proprietários de terras instalados na cidade de Jerusalém, radicais mudanças na vida religiosa e social. Entre elas, a centralização do culto em Jerusalém, a destruição dos santuários nos lugares altos, a perseguição aos sacerdotes ligados às divindades estrangeiras, e a proibição das imagens e do culto aos deuses familiares, bem como a oficialização da páscoa como festa nacional celebrada na capital Jerusalém.

Depois, ele desautorizou os falsos sacerdotes que os reis de Judá haviam nomeado para queimar incenso nos lugares altos das cidades de Judá e arredores de Jerusalém. Desautorizou também os que queimavam incenso para Baal, para o sol, para a lua, para as constelações e para todo o exército dos céus. Retirou da Casa de Javé a Aserá, levando-a para fora de Jerusalém, para o vale do Cedron. Queimou a Aserá no vale do Cedron, e a reduziu a cinzas, que foram jogadas sobre o túmulo dos filhos do povo (2Rs 23,5-6). (KAEFER; DIETRICH, 2002, 151).

É a partir desse projeto de Josias, desejoso de integrar o Reino do Sul e o território do antigo Reino do Norte em uma única unidade política – Israel –, em torno de uma única divindade – Javé –, sob um só comandante – descendente davídico – e como legitimação dessas novas fronteiras, tal movimento administrativo dependerá das novas ações administrativas impostas pelos reis babilônicos.

Em 612 a.C, a capital Nínive é dominada pelos caldeus e, conseqüentemente, todos os reinos do Oriente serão tributados e dominados pelos babilônicos. A pungente província de Judá, tão bem projetada pela corte josiânica, a partir de 622 a.C., será completamente devastada em duas avassaladoras ocupações, pelas tropas de seu monarca em chefe Nabucodonosor (597 e 587 a.C.). E, é justamente, nesse período, que

registramos a atuação do sacerdote-profeta Ezequiel (ASURMENDI, 1992, 253; NAKANOSE, 2022, 199).

Com a morte de Josias (604 a.C.)², assume o controle do trono Joaquim, o filho mais velho, após o brevíssimo governo de seu pai Joacaz (2Rs 23,31-33). Como monarca de um pequeno reino, geograficamente localizado entre importantes rotas comerciais que unem Egito e Assíria, à província de Judá é atribuído o pagamento ordinário das taxas de tributos estabelecidas pelos novos mandatários. A realeza e sua corte, as dinastias sacerdotais e as forças militares, os aparatos administrativos e os serviços arquitetônicos, a manutenção e funcionalidade do templo religioso exigem elevada soma de recurso financeiro. O povo das aldeias, os pobres sentirão na pele os resultados de uma administração marcada por uma forte onda de exploração. Nas palavras da profecia de Jeremias, o governo de Joaquim não passará ileso diante da exploração do povo:

Ai daquele que constrói sua casa sem a justiça e seus aposentos sem o direito, que faz o próximo trabalhar por nada, sem dar-lhe o pagamento, e que diz: “Vou construir uma casa grande, com imensos aposentos... Você pensa que é rei porque tem mais cedro que os outros? Seu pai não comeu e não bebeu? Pois ele fez o que justo e o que é direito, e em seu tempo tudo correu bem para ele. Ele julgava com justiça a causa do pobre e do indigente. E tudo correu bem para ele! Isto não é conhecer-me! – oráculo de Javé”. (Jr 22,13-16).

Nos anos em que exerceu sua atividade profética – (31 de agosto de 593 a.C a 26 de abril de 571 a.C) –, o profeta Ezequiel testemunhou os três estágios adotados pela política babilônica em suas guerras de conquistas: a) vassalagem: obrigatoriedade no pagamento de elevados tributos (2Rs 24,1-2); b) intervenção militar: em caso de revolta e deportação da classe dirigente (2Rs 24,13-16); c) intervenção militar e destruição da cidade seguida de deportação (2Rs 24,10-14; 2Cr 36,5-7).

Juntamente com a corte do rei Joaquim, Ezequiel parte à região de Tel-Abib, às margens do rio Cobar, afluente do Eufrates, no ano de 597 a.C. Na redação dos deuteronomistas, dez mil notáveis e mil artesãos - entalhadores, marceneiros, ourives,

² Eis um fato responsável pelo redimensionamento político, na província de Judá. A inesperada morte de Josias significou um ponto final no movimento administrativo, inaugurado em 622. A atitude errônea de impedir que tropas egípcias apoiassem os assírios refugiados em Haran, fato que ocasionou sua morte, em Meguido, acena a tensão internacional na região e início de tempos difíceis ao povo de Judá. (ABREGO, 2011, 16).

padeiros - formam a comunidade dos exilados (2Rs 24,14-16), que será nutrida pelas mensagens catequéticas dos profetas Jeremias, Ezequiel e Isaías (Ez 1,3; 3,15-21; 16; 22; Is 42,22-45; 44,9-20; Jr 28,2-17; Sl 137). Mesmo na condição de rei derrotado e deportado, Joaquin e seus mais diretos colaboradores, não perderam seus títulos e nem deixaram de ser tratados como membros da realeza (FRIZZO, 2022, 229). Nas escavações arqueológicas de 1930, próximas da porta de Ishtar, foi encontrada uma inscrição com o seguinte registro: “6 litros de óleo para Joaquin, rei da terra de Judá, 2½ litros para os 5 príncipes de Judá e mais 4 litros para os 8 homens de Judá” (SCHNIEDEWIND, 2011, 205). O profeta Jeremias indica benevolência ao rei Joaquin sob os comandos do rei Evil-Merodac que “falou-lhe com bondade e lhe concedeu um assento superior ao dos outros reis que estavam com ele na Babilônia” (Jr 52, 31-34). Tais detalhes nos obrigam a perceber o elevado grau de cosmopolitismo reinante na Babilônia.

Todo aquele que entra na cidade goza de privilégios, seja babilônico ou estrangeiro, sedentário ou nômade, homem ou mulher, ser humano ou até mesmo um animal. Livre das prevaricações imperiais, graças a seu prestígio religioso e cultural, a Babilônia se torna um ponto de encontro entre diferentes populações, tradições e experiências. Nisto ela se diferencia claramente das capitais assírias... a sociedade e a cultura neobabilônicas são, em boa medida, o resultado de situação de internacionalização e sincretismo etnolinguístico, social e cultural (LIVERANI, 2015, 732).

Com a destruição da cidade e do seu templo, as instâncias de poder deixam de existir, agora, no arrasado reino de Judá. A interferência bélica babilônica foi precisa e planejada, pois as pequenas e médias cidades, que davam proteção a capital Jerusalém, não foram destruídas. A região de Benjamim e as cidades de Gibeon, Masfa, Betel, Ramat Rahel e Belém, promissoras na produção agrícola, cultivo de oliveiras, criação de ovelhas e tâmaras serão preservadas. Ramat Rahel, Masfa, Belém sediarão importantes centros de arrecadação tributária, produção de cerâmicas, sede de governo regional e subvenção de alimentos, integrando-se ao grande império (LIPSCHITS, 2011, 15).

Com a corte de Joaquin exilada em terras babilônicas, Nabucodonosor depara-se com a necessidade de deixar na cidade de Jerusalém alguém que tenha uma história e afeto junto ao modo de vida da realeza. Salvo o grau de parentesco de ser um irmão do

rei Joacaz (2Rs 23,31; 2Rs 24,18; Jr 52,1), não sabemos por quais motivos, a escolha recai sobre um tio do rei exilado Matatias – *dom de Javé* –, que terá seu nome mudado para Sedecias. Após o juramento prestado de subserviência e fidelidade à casa real babilônica, como registra 2Cr 36,13, Sedecias – *Javé é minha justiça* – terá, nos seus dez anos de monarca, um governo pleno de precariedades. A troca de nomes acena um pacto de servidão diante dos caldeus, os novos mandatários.

Como província atrelada ao domínio babilônico, o jugo imposto, após a primeira deportação, obriga a taxaço, cada vez maior, de elevados tributos indispensáveis na administração da corte de Sedecias, e uma outra significativa quantia dos tributos determinados e destinados aos caldeus.

Não é difícil sublinhar três importantes desafios naturalmente impostos a Sedecias, ao longo dos dez anos que respondeu sobre a administração de Judá:

- **Quem de fato governa em Judá?** Legítimo sucessor no trono, Joaquin e sua corte estão na Babilônia e muitas pessoas remanescentes em Judá e que não foram ao exílio na deportação do ano 597 a.C., esperam regressar. Na contenda com Jeremias, Hananias, um profeta e ferrenho defensor oficial da exilada realeza, marca o tempo de “dois anos” para que o rei e todos os “objetos da Casa de Javé” estejam de volta (Jr 28,3). Sedecias, por sua vez, aos olhos dos exilados, segue como um pacato administrador a serviço dos interesses imperialista. Sem legitimidade, aos olhos dos exilados na babilônia, terá que driblar os constantes anseios de grupos nacionalistas, declarados oponentes, quando o assunto é a independência e restauração da colapsada província de Judá.

- **Os planos egípcios.** Guerrear contra os babilônicos será um desafio à frágil diplomacia de Sedecias. Afinal, qualquer movimento contrariando as determinações dos caldeus colocavam em risco a vida dos exilados. Tal preocupação pode ser comprovada, quando, anos mais tarde, já, sob o controle dos reis aquemênidas, famílias judaítas optam em permanecer na Babilônia, após relativa ascensão social. Em meados do ano 594, passados aproximadamente três anos após a primeira deportação, encontramos uma comitiva enviada à Babel selando acordo de fidelidade e subserviência ao rei Nabucodonosor por ordens de Sedecias (Jr 51,59). Com a chegada de Psamético II ao Egito, uma tentativa de revolta foi planejada, em um encontro na cidade de Jerusalém

reunindo representantes dos reinos de Edom, Moabe, Amom e Fenícia. Como o plano foi descoberto, Sedecias não teve outra escolha que não fosse a de enviar seus conselheiros para negociar a paz. Não foi dessa vez que a “canga de madeira” foi quebrada (Jr 28,12). Prevalece, sim, a vassalagem selada com “canga de ferro” (Jr 28,13; 29,5-7), tão alardeada pelo profeta Jeremias.

- **O fracassado levante contra Babilônia.** Uma rebelião é causa da destruição de Jerusalém e seu templo. Em 589, ano em que o faraó Hofra (589 -570) sobe ao trono, novos ideários de libertação e controle das rotas comerciais nas províncias localizadas no corredor Sírio-Judá, entram em cena. Dominar Babilônia era o plano do Egito. Novamente Jeremias, apela ao deus Javé, que agora fala contra o seu povo escolhido. Ou a rendição ou a morte (Jr 21,8-10). O plano de revolta foi assolapado. Em 588, Nabucodonosor chefou suas tropas e estão de volta aos arredores de Jerusalém. Após um cerco que durou um ano e meio, em julho do ano 587 a.C. a cidade foi ocupada e seu templo consumido pelo fogo. As cidades fortificadas ao redor de Jerusalém, como Láquis e Azeca serão destruídas. Sedecias terá seus olhos vazados, após assistir a morte de seus filhos, e levado para Babilônia (2Rs 25,7). A fracassada proposta egípcia de pôr um ponto final na subserviência aos babilônicos, culmina com uma guerra de ocupação: cerco, destruição dos muros, templo incendiado e deportação das lideranças (2Rs 25,18-21). Jerusalém se transforma em uma terra devastada. Um breve retrato dessa situação, escrito após a tragédia da guerra, vemos no livro das Lamentações.

Lembra-te, Javé, do que aconteceu! Olha bem para ver a vergonha que passamos! Nossa herança passou a estranhos, e nossas casas a estrangeiros. Agora somos todos órfãos, pois perdemos nosso pai; nossas mães ficaram viúvas. Temos de comprar a água que bebemos e pagar a lenha que usamos. Com o jugo no pescoço somos empurrados; estamos exaustos, pois eles não dão folga. Ao Egito já estendemos nossas mãos pedindo ajuda, já suplicamos à Assíria que nos desse de comer (Lm 5,1-6).

A população foi levada para exílio e, um governo, de caráter pró-babilônia responderá pela precária Jerusalém. Na nomeação de Godolias, notamos alguém muito próximo às teses defendidas pelo profeta Jeremias, que encontrou eco junto ao monarca babilônico. Os anos em que Godolias conviveu na corte de Joaquin, o credenciam ao cargo de governador de Judá. Seus filhos, Aicam, Gamarias e Elasa, estão intimamente envolvidos no dia a dia na administração pública (Jr 26,24, 36,12.25, 29,3). Cremos que

essa total subserviência às traçadas metas babilônicas tenha sido o motivo de seu assassinato por grupos adeptos da realeza. Aos poucos sobreviventes, não restou outra proposta diferente da de buscar abrigo e segurança nas terras do Egito (Jr 43,6; 2Rs 25,26).

É nesse contexto de dez anos de governo chefiado por Sedecias, que encontramos a conjuntura social capaz de justificar as denúncias de abandono do “rebanho de Israel”, tão fortemente exposta na profecia de Ezequiel 34,1-16. A falta de tática e honestidade política de Sedecias não passam ileso às palavras do profeta. Pertencente ao grupo de sacerdotes exilados na primeira deportação, não é difícil imaginar que as tratativas espalhafatosas de Sedecias na esfera da administração da província de Judá, não chegaram ao conhecimento do profeta Ezequiel. A elite e seu governante se deixam levar pelos caminhos do assédio político. Inebriados pelas vantagens oferecidas pelo poder, agora, encontram-se cegos diante do sofrimento do povo. Aqui entre a denúncia de Ezequiel contra os pastores de si mesmo instalados em Israel.

2. Texto, estrutura e significado

O capítulo 34 do livro de Ezequiel expõe uma crítica social direcionada à classe dirigente do Reino de Judá, durante os dez anos de governo de Sedecias, período esse situado entre a primeira (597 a.C.) e a segunda deportação, ocorrida no ano de 587 a.C. É nítida a existência de três blocos redacionais:

1) Nos versículos 1-16 acentua-se a exploração das autoridades de Judá. Nesse bloco, reconhecido como relato mais primitivo, Ezequiel expõe a hegemônica prática de não cuidar do povo, utilizando a expressão “rebanho”.

2) O segundo bloco é formado pelos versículos 17-22, onde o julgamento e condenação dos governantes recebe destaque.

3) Já, no terceiro bloco, versículos 23-31, o redator final retrata sua adesão ao movimento messiânico, já, no período da política de reconstrução da província de Yehud (536 a 333 a.C.), fortemente influenciado pela teocracia, de cunho davídico, projetada pelos persas em acordo com grupos de levitas e parte dos exilados (golá) – desejosos em reconstruir a cidade e

seu templo, em Jerusalém, sob os fortes argumentos da chegada do tempo messiânico e o ideal de uma certa prosperidade social (Is 40-55). (SICRE, 2015, 510)³.

No uso de uma divisão e tradução mais literal, com base no texto hebraico, nossa reflexão concentra-se no primeiro bloco (v. 1-16), a parte mais antiga da narrativa redigida na época do exílio. Apresentamos o texto, tradução e divisão em quatro blocos, considerando as quatro vezes em que as falas do autor e da divindade se intercalam, formando quatro respectivos blocos narrativos que dividimos da seguinte maneira:

- **Abertura e primeira denúncia (v. 1-6):** A expressão enfática: “Assim diz o Senhor Javé”, três vezes recorrente (v. 2c,10a,11a) é utilizada para introduzir a fala divina. Não se trata de qualquer fala. Algo corriqueiro. O próprio Deus Javé, na época cultuado como uma divindade nacional, resultado do movimento administrativo josiânico, inicia a crítica aos maus pastores. Nesse primeiro bloco, tal advertência profética é precedida pelo título, corriqueiro no livro de Ezequiel, “Filho do Homem” – 93 vezes – colocando-o como um ser humano disposto a colaborar com as vontades divinas. Ou seja, receber a “palavra de Javé” e praticá-la. Um outro artifício linguístico, engrandecendo o conteúdo proclamado, é o uso, na forma imperativa do verbo profetizar, pertinente aos destinatários da profecia: os pastores de Israel, duas vezes referendados nessa parte inicial, compondo a seguinte divisão textual: Autor (v.1-2c); Deus (v. 2d-6);

- **Afirmação do apelo (v. 7-8):** Dirigido aos “pastores de si mesmo”, a expressão “oráculo” acena o grau de esforço de discernimento praticado pelo profeta. Ezequiel manipula com autoridade o conteúdo de sua profecia. Pelo anúncio profético o rei, o governador e o povo terão bons tempos se conhecerem e puserem em prática o conteúdo do oráculo. Não é de modo fútil a utilização do imperativo do verbo “ouvir” dito aos pastores. As metáforas utilizadas – presa, alimento às feras do campo - visam elevar o grau de desgoverno. O rei torna-se o exemplo máximo de desleixo. Divisão textual: Autor (v. 7-8a); Deus (v. 8b-8g);

- **O senhorio de Javé (v. 9-10):** Pela segunda vez, o uso da expressão: “Assim diz o senhor Javé”, é retomada, como no verso 7a, impondo uma consequência, típica do estilo profético, de praticar ou não o conteúdo oriundo da voz do profeta: “Por isso, ouçam pastores a palavra de Javé” (v. 7a, 9a). Os pastores serão destituídos. O próprio Senhor, agora, torna-se o

³ Almada (2000, 129) expõe uma significativa estrutura de toda obra de Ezequiel, ao analisar a realidade social vivenciada pelo profeta, ainda na primeira deportação, ocorrida logo após os primeiros confrontos com os caldeus, no ano 597 a.C., e como essa experiência fez brotar oráculos de condenação e salvação. Como parte dos oráculos de salvação, Abrego (2011, 188) opta por dividir o capítulo 34 em dois grandes blocos (v. 1-16) e (v. 17-31).

opponente único diante dos responsáveis que não mais voltarão a cuidar do rebanho. Divisão textual: Autor (v. 9-10a); Deus (10b-10h);

- **Javé torna-se pastor (v. 11-16):** Abrindo o quarto conjunto da narrativa expondo em detalhes os gestos do próprio Javé que “fará sair do meio dos povos” (v. 13a) as más lideranças e, ele mesmo será o pastor do seu rebanho. Após afirmar as ações favoráveis ao rebanho (v. 12-15), o Senhor fará o contrário dos maus pastores, relatadas no v. 4. Divisão textual: autor (v. 11a); Deus (11b-16).

2.1. Primeiro Bloco (v. 1-6)

Uma profecia que denuncia a classe dirigente: O autor abre sua narrativa recorrendo a um estilo histórico. Para ele, a palavra de Deus é um fato, é acontecimento, é realidade na vida do profeta que se estende a todo o povo: “E aconteceu que a palavra de Javé” e conclui com o uso, pela primeira vez, da expressão “assim diz o Senhor Javé” (v.1-2c).

O uso imperativo do verbo profetizar (profetiza) – realça o conteúdo e o grau do desleixo das autoridades de Judá, aqui, identificadas como os “pastores de Israel” (v. 2a). Os pastores são os alvos de uma verdadeira saraivada de denúncias por terem deixado os habitantes de Judá na mais extrema vulnerabilidade. A partícula de interjeição negativa “Ai!” (v. 2d), inicia a série apontando as mazelas realizadas pela classe dirigente, os únicos culpados e responsáveis pelo sofrimento que se abateu sobre o povo. No versículo quatro, um paralelismo expõe, em cinco comparações, as mazelas impostas ao “rebanho” – termo recorrente quinze vezes na narrativa (v 2,3,6,8,9,10,11,12 e 15):

- 1) Enfraquecidas x fortalecer
- 2) Adoecidas x curar
- 3) Fraturadas x enfaixar
- 4) Dispersas x trazer de volta
- 5) Perdidas x procurar

O resultado das fracassadas alianças firmadas com os soberanos egípcios, em meados do ano 597 a 587 a.C. resultaram em guerras, destruição da cidade e seu templo e, uma segunda deportação rumo a capital Babel. Os versículos 5 e 6 servem de conclusão a esse primeiro bloco de narrativa, referenciando a vexatória situação social.

Nota-se que ao descrever a penosa situação do rebanho a insistência no uso do verbo “dispersar”, três vezes recorrente (v. 5a-b, 6), abre e conclui esta parte da

narrativa. O rebanho sofre. Padece por falta de pastor. Encontra-se abandonado e, assim, entregue como alimento às feras do campo que, sem proteção, agora, disperso entre “montes e colinas elevados” (v. 6), amarga os anos vividos no exílio babilônico.

2.2. Segundo bloco (v. 7-8a)

Reafirmação das denúncias (v. 7-8a): No uso da partícula exclamativa “por minha vida!” (v. 8^a), nosso autor aumenta o tom ao apontar os crimes praticados contra o rebanho, firmadas num segundo bloco, com uma nova lista de desvios realizados (8b-8g). Semelhantes as já expostas no verso 6. As ovelhas se encontram extraviadas, os rebanhos estão dispersos pelas montanhas e colinas. Tais situações levam a concluir que as autoridades débeis na corte de Sedecias, “[eles] não cuidam” (v. 8g) da precariedade do povo.

O termo “meu rebanho”, recorrente em três oportunidades (v. 8b, 8c e 8g) – começo, meio e fim -, é realçado. Ao redor do conceito “meu rebanho”, seguem as metáforas dando plenos sinais da precariedade do povo durante os anos em que a inconstante junta administrativa deu sustentabilidade às diretrizes adotadas por Sedecias.

O termo “presa” encontra destaque na profecia de Ezequiel. Ao expor os “oráculos contra as nações” (Ez 25-32), o profeta recorre ao termo para afirmar certa vingança divina que deverá acontecer contra às nações que colaboraram na ruína de Israel (Ez 25,7; 26,5). As seis nações vizinhas e o Egito sentirão a vingança do Deus de Israel:

- “Pois bem! Vou estender a mão contra você e entregá-lo como presa das outras nações” (Ez 25,7);
- “Porque eu falei – oráculo do Senhor Javé. Tiro se tornará presa fácil de outras nações (Ez 26,5).

Já, nos “oráculos de salvação” (Ez 33-39), “presa” expõe a precária situação de destruição que envolve Israel (Ez 34,8.22.28; 36,4.5):

- “Vou salvar minhas ovelhas, e elas não serão mais saqueadas” (Ez 34,22);

- “Eles não serão mais presa fácil das nações” (Ez 34,28);
- “... assim diz o Senhor Javé aos montes, colinas, precipícios, vales, ruínas desertas e cidades abandonadas, entregues ao saque e à caçada das nações vizinhas” (Ez 36,4);
- “... contra Edom inteiro, porque se apoderaram da minha terra, com o coração todo cheio de alegria e com sentimento de ódio por causa das pastagens disponíveis para o saque” (Ez 36,5).

A situação de se tornar alimento para todas as feras do campo (v. 8c) reforça o quadro de penúria, “falta pastor”. Eis uma constatação, oriunda da Babilônia, contra os planos políticos efetuados por Sedecias, na conturbada província de Judá. Não é impossível fazer um paralelismo da comunidade exilada, após os fatos de 597 a.C., e os grupos de remanescentes em Judá. Não existe possibilidade alguma de propor uma espécie de autocrítica, da parte de Ezequiel, contra a classe de dirigentes, já exilada, da qual ele próprio, na condição de sacerdote e profeta, fazia parte. O profeta, como porta voz da comunidade assentada na Babilônia, faz seu alerta. Afinal, qualquer devaneio político, levado adiante pelos assessores diretos de Sedecias, poria numa situação de risco, ainda maior, os exilados. O que não faltava, na ocasião, eram os “os pastores de si mesmo” (v. 8f).

2.3. Terceiro Bloco (v. 9-10)

O autor volta a afirmar a senhorio de Javé. A fórmula de alerta, citada no versículo 7, se repete. Pela segunda vez, no uso da expressão “assim diz o Senhor Javé” (v. 10a), deseja reforçar que o próprio Deus fará ações em prol do seu rebanho.

O próprio Deus cuidará do seu povo (v. 10b-10h). Há uma radicalidade contra os pastores. A partícula demonstrativa “eis me” no uso do sufixo da primeira pessoa, acentua essa ação divina em prol de seu povo. Inexiste autoridade. Notamos seis ações, do próprio Deus, em favor de seu rebanho:

- O verbo “ocupar, investigar” impõe um sentido judicial. Deus é o sujeito e indica dois gestos na defesa do rebanho: ocupar-se-á em zelar pelo rebanho e conseqüentemente tirará o rebanho das “das mãos deles”;

- Os pastores não mais estarão próximos do rebanho. “Destituídos” usado no grau hiphil, indica que o próprio Deus dispensará os “pastores de si mesmo” -, passando a ele o cuidado e garantia de seu bem-estar. A conclusão, considerando o gesto divino, não poderia ser outra: “eles não mais cuidarão de si mesmo” (v. 10f).

- Comparados com as feras selvagens que vitimizam o rebanho, a salvação acontecerá por uma intervenção do próprio Deus. Essa é a intenção no grau hiphil do verbo “pôr a salvo”. “Indica um ato de separação”. Salvar o tem como sinônimo tirá-lo do controle das falsas lideranças. Tirar da “boca deles”, não estando mais na condição de servir de alimento às feras do campo.

As seis ações têm o próprio Deus como sujeito. Trata-se de uma retomada da realidade de dispersão e total insegurança exposta no v. 5. Não é nenhuma coincidência que a cena exaltando Deus como sujeito, tem na abertura a expressão demonstrativa הנני לך, “eis me contra”.

O desmando administrativo existente na cidade de Jerusalém atinge seu nível máximo com o assassinato de Godolias. Sua liderança é provisória. Oriundo de um círculo familiar de altos funcionários (2Rs 22,3-12) e gozando de prestígio junto aos mandatários babilônicos e próximo do profeta Jeremias, em seu governo um significativo movimento de volta a Judá é registrado. Com sede administrativa, não mais em Jerusalém, mas na simbólica cidade de Masfa (Js 18,26; Jz 10,17; 1Sm 10,17-27) uma “abundante colheita de vinho e frutas” é registrada, já na administração de Godolias (Jr 40,11-12). Com toda a certeza, a estratégia de entregar aos “pobres da terra” a posse das propriedades pertencentes às antigas famílias exiladas, por um lado, deu resultado, por outro, teria provocado oposição de grupos ligados e defensores da monarquia.

Não demorará muito tempo, pouco mais de dois meses, após estar à frente da administração, ocorre um legítimo golpe contra Godolias. Liderado por Ismael, filho de um influente oficial de sangue real de nome Netanias, juntamente com sua guarda pessoal, Godolias é assassinado (2Rs 25,25). Na organização do golpe, segundo a

profecia de Jeremias, esteve Baalis, rei dos amonitas e opositor aos projetos expansionistas babilônicos na região (Jr 40,14). A reação do exército babilônico foi rápida e desta vez registra-se a terceira deportação. Dessa vez a soma de setecentos e quarenta e cinco pessoas rumam cativos, no ano de 582 a.C., rumo à Babilônia (Jr 52,30).

2.4. Quarto Bloco (v. 11-16)

Javé torna-se o pastor (v. 11-16): O autor, agora, pela terceira vez, utiliza a fórmula “assim diz o Senhor Javé”. Desta vez, para narrar os gestos do próprio Deus em prol do seu povo (11a), ocorre o uso do “porque”, oferecendo maior destaque às ações divinas.

Se, de fato, a ação profética de Ezequial durou 22 anos (593 a 571 a.C.), notícias nada confortáveis, provenientes de Judá, chegaram ao conhecimento dos grupos exilados. É inimaginável pensar que a classe sacerdotal, grupos de escribas sadoquitas – todos a serviço da corte do rei Joaquin, entre os quais, o profeta Ezequiel e seus discípulos - tenham ignorado os movimentos políticos e religiosos ocorridos em Judá.

Sedecias em nada amenizou nas taxas de impostos cobradas junto aos grupos de agricultores e criadores de gados. Na sua estratégia política de aproximação com o Egito, no dia a dia, camponeses e agricultores sentiram o peso das elevadas taxas tributárias. O profeta Jeremias, árduo defensor de uma constante submissão aos planos traçados pelo Império Babilônico às regiões da Síria e Palestina, não só teria alertado, como presenciou anos de forte sofrimento imposto ao povo, durante e após os dias que sucederam a administração de Sedecias:

Os pastores perderam o bom senso e deixaram de procurar Javé. Por isso não tiveram sucesso, e o rebanho que eles conduziam se espalhou. Ouçam o barulho que avança do norte. Ele vem fazer das cidades de Judá um lugar arrasado, um abrigo de chacais. (Jr 10,21-22).

Tal situação de abandono, por parte das autoridades, justifica as significativas ações do próprio Deus cuidar do seu povo (11b-16). Tem relevância a narrativa abrir com o uso da expressão enfática “eis que eu mesmo”, ao inaugurar a série de atitudes

divinas em prol do seu povo. O extravio das ovelhas por montes e colinas (v. 6), somado à situação de presa das feras do campo (v. 8), agora o rebanho encontra um zeloso pastor que procura, cuida e reúne os dispersos (v. 11b-12e).

A ideia de um Deus que reúne suas ovelhas dispersas pode ser um conceito central, nesse quarto bloco. Nossa referência está nos versículos 12-15c, onde ocorre a retomada de um novo êxodo rumo a Israel. Eis o desejo dessa divindade que assume o papel de cuidador, ele mesmo e não outro, do rebanho. Tal hipótese justifica-se no uso da expressão “e os reunirei de todas as terras” (v. 13b), nas colinas e montes de Israel (v. 14b e 14d). O projeto de volta a Israel é retomado:

Diz, portanto: Assim diz o Senhor Javé: Eu vou recolher-vos do meio dos povos, vou ajuntar-vos de todas as terras para as quais fostes levados, e vos darei depois a terra de Israel (Ez 11,17).

Agora, o projeto de reunir os dispersos torna-se uma ação de protesto aos maus pastores. Israel é apresentado como o lugar de segurança e de uma vida marcada por uma paz duradoura.

Os resultados da guerra de julho de 587 a.C. bem como projetos de reestruturação da sociedade, julgamos estar registrados nas metáforas nos versos 12-15:

Dispersos em um dia nublado e escuro (v. 12): Ezequiel é um profeta da corte. Sua linhagem sacerdotal o acompanhou por toda sua vida. Cremos ter somado à essa profissão sua vocação profética. Como sacerdote, exilado com a elite jerosolimitana, é na terra estrangeira dos caldeus que teve início sua atividade profética (Ez 1,3). Ferrenho defensor do grupo social ao qual pertencia, defenderá que Javé, ama tanto seu povo, que partiu com ele para o exílio, no desejo de confortá-lo. “Dado que eu os levei para longe, para o meio das nações, e por algum tempo os espalhei pelas terras, eu mesmo serei para eles um santuário em qualquer terra para onde tenha ido” (Ez 11,16). O conceito utilizado de “num dia nublado e nuvem escura” (v. 12e), acena certa teofania de reunir todos os dispersados nas guerras de 597 e 587 a.C. Findado o exílio, serão esses grupos de antigos sacerdotes e funcionários do templo a ensaiarem um retorno vitorioso, no projeto de reconstrução de Jerusalém, no argumento de serem os verdadeiros herdeiros das tradições de Israel, um povo santo e apartado do contato com

outras nações (Ne 13; Esd 10,1-17). Lentamente essa teologia oficial se impõe sobre os “povos que permaneceram na terra” (Ez 11,15).

Reunidos em Israel encontrarão boas pastagens (v. 13-14): A localidade indicada para se manifestar os cuidados do próprio Deus com seu rebanho, não encontra outro lugar que não seja “sobre as montanhas de Israel (v. 13d, 14d). Eis o lugar idealizado para o povo viver. Montes e colinas, riachos e montanhas de Israel, simbolizam a vida do povo em segurança. É em Israel que Javé reunirá “de todas as terras” (v. 13c), seu rebanho. Lá “deitarão em boas pastagens” e viverão em paz (v 14c).

Oráculo do Senhor (v. 15): Vale realçar que Ezequiel jamais abandonou sua atividade sacerdotal, mas somou a essa sua vocação profética. Seus oráculos de salvação ocupam destaques entre os capítulos 33 a 39, onde por vinte vezes encontramos a afirmativa “oráculo do Senhor Javé”. Trata-se de dar uma conclusão definitiva àqueles que estiveram debaixo dos descuidos e ameaças por maus pastores. Voltar a Israel e reconstruir cidades e templo foram os projetos dos grupos de ex-funcionários e sacerdotes, levitas e escribas no período pós-exílio, quando a defesa de um regime teocrático e davídico se impôs com apoio dos reis aquemênidas (FRIZZO, 2022, 221).

O versículo 16, apresenta-se como uma conclusão. Diante de tantos descaminhos e sofrimentos, Deus é apresentado como uma antítese às ações dos considerados “pastores de si mesmo”. Nessa conclusão, vale a pena comparar as ações dos pastores com as ações divinas. Por um lado, há m grupo de pastores que exploram, por um outro, há uma divindade que salva:

O que fizeram os pastores com o rebanho (v. 3-5)	O que faz deus com o rebanho (v. 16)
<p>^{4f}as que se perderam, não fostes procurar;</p> <p>^{5a}Elas se dispersaram, por falta de pastor;</p> <p>^{4c}as que se fraturaram, não enfaixastes;</p> <p>^{4a}As enfraquecidas não fortaleceste;</p> <p>^{3b}a gorda sacrificaste</p> <p>^{3c}do rebanho não cuidais.</p>	<p>^{16a}A perdida, eu a procurarei;</p> <p>^ba que se dispersou, eu a trarei de volta;</p> <p>^ca fraturada, eu a enfaixarei;</p> <p>^da que está fraca, eu a fortalecerei.</p> <p>^eE a gorda e a fortalecida, eu a guardarei.</p> <p>^fEu farei pastar com justiça.</p>

Javé é apresentado como elemento denunciador das mazelas de Sedecias. O versículo 16 fecha o primeiro ciclo das afirmações positivas. O aspecto salvífico do oráculo consiste em apresentar Javé, ainda reconhecido como uma divindade nacional⁴ e protetor de Israel, como o bom pastor em substituição aos “pastores de si mesmo”.

Conclusão

O trabalho de cuidar, oferecer boas pastagens, garantir ao rebanho segurança e água, legitima uma profissão muito conhecida na cultura dos povos mesopotâmicos. A profissão de pastor é compreendida como sinônimo de zelador, cuidador. No código de Hamurabi, 1750 a.C., vemos que o primeiro, entre tantos outros atributos ao monarca, a função de pastor inaugura a série de qualidades do monarca. Governar com justiça e equidade, cuidar dos mais pobres e zelar pela justiça tornam-se atributos de um rei cuidador.

Eu (sou) Hammurabi, o pastor, chamado por Enlil, aquele que acumula opulência e prosperidade, aquele que realiza todas as coisas para Nippur, DUR.AN.KI, guarda piedoso de É.KUR, o rei eficiente que restaurou Eridu em seu lugar, aquele que purifica o culto de É.ABZU, conquistador (?) dos quatro cantos da terra, aquele que magnifica o nome de Babel, que alegra o coração de Marduk, seu senhor, que todos os dias está a serviço da É.SAG.ILA, descendência real, que Sin criou, aquele que faz prosperar a cidade de Ur (BOUZON, 1986, 40).

Esta prerrogativa humana de zelo pela sobrevivência de um clã, de uma tribo, de um povo parece ter encontrado certa equiparação em antigos conceitos divinos. Referindo-se à vida humana na terra, sem nenhuma relação com a vida após a morte, nas “Lamentações de Ipu-uer e o Ensino para Mericara admoestam a divindade ao dever de velar sobre o próprio “rebanho”, ou seja, sobre o povo. O sol “pastoreia” todos os seres onde quer que se encontrem”.

O profeta Ezequiel prova um momento tremendamente crítico na vida da comunidade. Viu ruir seu mundo cultural por meio da violência e deportação. O rei, a corte, o povo, juntamente com ele presenciam a ruína de um pujante reino idealizado, anos antes, por Josias. O sentimento nacional de pertença à realeza exilada, ao deus que os acompanhou mudando sua tenda para junto dos exilados, justificam as severas críticas aos planos gananciosos e dúbios do intendente Sedecias determinantes na catástrofe de 587 a.C., quando os caldeus sitiaram, destruíram, incendiaram a cidade e seu templo, exilando uma outra parte de seus moradores.

⁴ O movimento administrativo de Josias, 622 a.C., teve apoio do povo da terra. Esses proprietários de terras demonstram forte ingerência nos 31 anos de reinado de Josias. Encontrado no templo de Jerusalém, páginas do livro do Dt 12-26 justificarão o movimento de centralização em Jerusalém, no qual a divindade nomeada Javé passará a ser o deus nacional de Judá.

Referências bibliográficas

- ABREGO, J. M. *Ezequiel*. Urduliz, Desclée de Brouwer, 2011.
- ALMADA, S., “A profecia de Ezequiel: sinais de esperança para exilados”, *Ribla*, n. 35/36, p. 116-136, 2000.
- ASURMENDI, J., Ezequiel. In: AMSLERM S.; ASURMENDI, J.; AUNEAU, J.; MARTIN-ACHARD, R. (Orgs.). *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo, Paulinas, 1992.
- BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- PENNA, R.; PEREGO, G.; RAVASI, G. (Orgs.). *Dicionário de temas teológicos da Bíblia*, São Paulo: Paulinas, Paulus, Loyola, 2022.
- BOUZON, E. *O Código de Hammurabi*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- SILVA, D. M. C., *Metodologia de Exegese Bíblica: versão 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2022.
- PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.
- _____. Carta Encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FRIZZO, A. C., *A província de Yehud*. In: NAKANOSE, S.; DIETRICH, L. J. (Orgs.). *Uma história de Israel: leitura crítica da bíblia e arqueologia*. São Paulo: Paulus, 2022, p. 1086-1092.
- BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H.; FABRY, H-J. (Orgs.). *Theological Dictionary of the Old Testament*, vol. IX. Michigan: Eerdmans, 1998.
- KAEFER, J. A.; DIETRICH, J. L. *A consolidação dos reinos de Israel norte e Judá*. In: NAKANOSE, S.; DIETRICH, L. J. (Orgs.). *Uma história de Israel: leitura crítica da bíblia e arqueologia*. São Paulo: Paulus, 2022.
- LIPSCHITS, O. *Shedding new light on the dark years of the 'Exilic Period': New Studies, Further Elucidation, and Some Questions regarding the Archaeology of Judah as an 'Empty Land'*. In: AMES, F. R; KELLE, B; WRIGHT, J. L. (Orgs.). *Interpreting Exile*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2011, p. 57-90.
- LIVERANI, M. *Antigo oriente: história, sociedade e economia*. São Paulo: Edusp, 2015.
- NAKANOSE, S., *O período exílico e seu movimento sociorreligioso*. In: NAKANOSE, S.; DIETRICH, L. J. (Orgs.). *Uma história de Israel: leitura crítica da bíblia e arqueologia*. São Paulo: Paulus, 2022.
- ROSSI, L. A., *Cultura militar e de violência no mundo antigo: Israel, Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia*. São Paulo: Recriar, 2020.
- SCHÖKEL, A. L.; SICRE, D. L. J., *Profetas*, vol. II. Madrid: Cristiandad, 1980.
- SICRE, J. L., *Com os pobres da terra: A justiça social nos profetas de Israel*. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2015.
- SOUZA, J., *A elite do atraso*. São Paulo: Estação Brasil, 2019.
- MATOS, S. M, *As sagradas de Asherah e YHWH: narrativa e memória. O sacerdócio feminino no templo de Jerusalém*. São Paulo: Recriar, 2024.
- TOSELI, C. *Exílio e Memória de Israel Norte: entre o fim e a continuidade, história, tradição e literatura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2023.

SCHNIEDEWIND, W. M. *Como a bíblia tornou-se um livro?* São Paulo: Loyola, 2011.